



Análise Semiótica de Aspectos Tipográficos do Livro Didático Projeto Buriti Português 1¹

Marina Granja ARAKAKI²
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a descrição e análise semiótica de aspectos tipográficos do livro didático Projeto Buriti Português 1, indicado para o primeiro ano do Ensino Fundamental e escolhido para ser utilizado em escolas da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande. O artigo baseia-se em fundamentos teóricos sobre tipografia, bem como na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, escolhida como método de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Peirce; legibilidade; significação.

1. Introdução

Pode-se definir material escolar como o “conjunto de objetos envolvidos nas atividades-fim da escola. Tudo aquilo que ajuda a aprendizagem que cumpre à escola patrocinar [...]” (LAJOLO, 1996, p.1). Segundo a autora, alguns materiais são mais essenciais do que outros, e, entre esses, estão os livros didáticos.

Uma das definições possíveis para o livro didático é a de que é um material “usado, de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar” (LAJOLO, 1996, p.4).

Os livros didáticos são um dos materiais escolares adotados pelas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio. O Ministério da Educação (MEC), por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), disponibiliza uma série de livros que foram aprovados conforme normas publicadas em edital (BRASIL, 2012) e, dentre esses livros, cada escola escolhe o que melhor atende ao seu projeto político pedagógico.

Na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande (REME), o livro Projeto Buriti Português 1, da Editora Moderna, foi o mais escolhido para ser utilizado na disciplina

¹ Trabalho apresentado no DT08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda no Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: mariarakaki@gmail.com. Prof^a Dr^a Eluiza Bortolotto GHIZZI: Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: eluizabortolotto.ghizzi@gmail.com

de Letramento e Alfabetização (ver figura 1) do primeiro ano do Ensino Fundamental, num total de 25 escolas optantes por ele, das 87 existentes na rede.

Figura 1 – Lista dos livros escolhidos pela REME

Letramento e Alfabetização Linguística		
N.	Títulos das coleções	Total de Escolas
1	Projeto Buriti	25
2	Porta Aberta	24
3	Ápis	18
4	Brasiliana	4
5	A Escola é Nossa	3
6	Projeto Pitangá	3
7	Projeto Prosa	3
8	Linhas e Entrelinhas	3
9	Plural	1
10	Bem-Me-Quer	1
11	Viraver	1
12	Mundo Amigo	1
		87

Fonte: REME, 2012.

O objetivo deste artigo é realizar uma descrição e análise semiótica de aspectos tipográficos do livro, uma vez que esse tipo de material é uma das formas pelas quais a criança tem contato com as práticas de leitura e, especialmente na fase de alfabetização (para a qual o livro é indicado), torna-se importante a criteriosa escolha da tipografia a ser utilizada nesses livros.

Podemos definir como aspectos (ou elementos) tipográficos de um livro, a tipografia (fonte, tipo de letra), sua constituição em blocos de textos e a forma de distribuição desses blocos, a escolha das entrelinhas e dos espaçamentos entre caracteres e tudo o mais que estiver relacionado ao uso de tipos.

Com o advento da editoração eletrônica, as possibilidades de um projeto tipográfico tendem ao infinito, dadas a variedade de tipos de letras para composição disponíveis e, também, as possibilidades de cada *designer* criar tipos especiais para cada projeto. Essa enorme diversidade de recursos para a variação gráfica, associada às necessidades específicas dos livros didáticos, justifica a pesquisa dos processos de construção de significado implicados nessas escolhas tipográficas, buscando saber quais significados elas podem proporcionar às crianças.

Por meio da semiótica (ou lógica) peirciana, pode-se estudar esses processos de significação. A semiótica, numa definição muito concisa, “estuda os ideais e normas



que conduzem o pensamento” (SANTAELLA, 2005, p.2), ou seja, como deve ser o pensamento para que ele seja correto.

Uma de suas áreas, a gramática especulativa, fornece uma definição de signo e classificações do mesmo que podem, potencialmente, ser usadas para a análise de qualquer tipo de linguagem, englobando os aspectos de significação, objetivação e interpretação (SANTAELLA, 2005).

A significação atua no estudo do signo em si mesmo, nas suas propriedades internas. Nesse aspecto, o signo poderá ser um qualissigno, sinssigno ou legissigno. A objetivação trata da relação do signo com o seu objeto, podendo ser ele um ícone, índice ou símbolo. E por último, na interpretação o signo pode ser analisado nos efeitos que está apto a produzir nos seus receptores. Esses efeitos podem ser de natureza emocional, reativa ou reflexiva (SANTAELLA, 2005).

Neste artigo serão analisados os aspectos da significação das páginas selecionadas.

2. A tipografia e seus componentes

Para Farias (2001, p.15), a tipografia são as práticas subjacentes à criação e utilização de símbolos relacionados aos caracteres ortográficos (letras) e para-ortográficos (tais como números e sinais de pontuação).

Para melhor entendimento deste texto, seguem algumas definições dos principais termos utilizados no *design* tipográfico (BRINGHURST, 2011; BRISOLARA, 2008; ROCHA, 2012):

- Tipo: Sinônimo de caractere. Pode ser considerado também como o *design* específico de um alfabeto (neste sentido seria o mesmo que tipografia ou fonte);
- Caractere: Cada letra, numeral, ou sinal para-ortográfico de uma fonte;
- Família: Conjunto das variantes (regular, itálico, negrito, negrito itálico etc.) de uma mesma fonte ou tipo;
- Caixa alta/Caixa baixa: Sinônimos de letras ‘maiúsculas’ (caixa alta) e letras ‘minúsculas’ (caixa baixa);
- Espaçamento entre letras: Como o próprio nome diz é o espaçamento entre letras – também utilizado por alguns autores como sinônimo de *kerning* – e pode ser especialmente ajustado;

Figura 2 - exemplo de texto sem ajuste de kerning (primeiro) e com ajuste (segundo)

Typography
Typography

Fonte: ROCHA, 2012, p. 57.

- Entrelinhas: Distância entre uma linha e outra;
- Entrepalavras: Distância entre uma palavra e outra;
- Alinhamento: Arranjo das letras que dá forma aos parágrafos: pode ser centralizado, justificado, à esquerda, à direita etc.
- Altura-x: A distância entre a linha de base e a linha mediana de um alfabeto, que normalmente corresponde à altura aproximada das letras minúsculas sem extensores.
- Barra: É o espaço horizontal que compõe as letra A, E, F, H, L, T, e, f, t.
- Ascendente: É a parte que se prolonga acima da altura-x nas letras b, d, f, k, t.
- Descendente: É a parte que se prolonga para baixo da linha de base das letras g, j, m, p, q, y e, em alguns casos, j.
- Linha de base: É a linha imaginária sobre a qual todas as letras repousam.
- Extensões: São as partes estendidas para cima e para baixo (ascendentes e descendentes) das letras minúsculas.
- Eixo: É o ângulo de inclinação característico das letras b, c, e, g, o, p, q. O eixo definido pela inclinação resultante da escrita manual é chamado eixo humanista e o eixo vertical é conhecido como eixo racionalista.

Figura 3 - Exemplo de eixo humanista (esquerda) e racionalista (direita)

Fonte: BRINGHURST, 2011, p. 19-20.

- Miolo: É o espaço interno (fechado) que ocorre em algumas letras do alfabeto, como nas letras a, d, o, b.

- Abertura: É o espaço interno (aberto) que ocorre em algumas letras do alfabeto, como nas letras c, s, e, h, n, u.
- Haste: É o traço vertical das letras e a diagonal das letras M, N, Y.
- Ombro: É o traço curvo das letras h, m, n.
- Serifa: Traço adicionado ao início ou ao fim dos traços principais de uma letra.

Figura 4 - Exemplo da altura-x, ascendentes, descendentes e linha de base



Fonte: ROCHA, 2012, p.50.

Com os termos principais esclarecidos, definimos dois outros conceitos quase indissociáveis da tipografia: a legibilidade e a leiturabilidade.

Niemeyer (2010) aponta como legibilidade de um caractere a sua fácil identificação individual, como uma letra em particular. Quando as formas de diferentes letras de um mesmo desenho de tipo podem ser discriminadas com rapidez, diz-se que esse tipo é altamente legível. Entre os fatores que influenciam a legibilidade podemos citar: contorno, largura, eixo (do formato da família), estilo (caixa alta/baixa), inclinação (normal, itálico), cor (por exemplo, contraste da forma da letra com seu plano de fundo), cor do plano de fundo, tamanho, entre outros.

A legibilidade, no caso de interesse deste artigo, pode ser tratada em uma questão de grau, ou seja, não afirmando o que é ou não é legível, mas tratando de maiores ou menores graus de legibilidade; à medida que as formas do tipo o tornam mais difícil de ser reconhecido, a legibilidade pode ser classificada como baixa, e à medida que tais formas permitem o reconhecimento com mais rapidez, a legibilidade pode ser classificada como alta.

Já a leiturabilidade, para Casarini e Farias (2008), está relacionada ao conforto visual e é um requisito importante para textos longos. A leiturabilidade se refere ao reconhecimento de palavras inteiras, sentenças, parágrafos, tabelas, ou qualquer coisa que constitua o texto. Vários fatores afetam a leiturabilidade: a medida (comprimento da linha e das margens), a entrelinha, o alinhamento, o estilo do caractere, o entreletras (kerning) e o entrepalavras (tracking), o tamanho da fonte, entre outros. Do mesmo modo que a



legibilidade, a leiturabilidade também pode ser entendida numa questão de grau, do texto com alta leiturabilidade ao texto com baixa leiturabilidade.

No artigo em questão, foi feita a análise dos aspectos de legibilidade do tipo, deixando os aspectos da leiturabilidade para estudo futuro.

A leitura é um processo que envolve esforço e repetição, gerando cansaço, como qualquer atividade física. Assim, em um projeto tipográfico adequado para livros didáticos, as fontes devem ser de alta legibilidade e de alta leiturabilidade, pois uma de suas funções primordiais é reduzir o esforço de leitura.

A tipografia pode ser analisada sob diversos aspectos. Segundo Rocha (2012), as letras de uma fonte representam sua unidade primordial. A segunda unidade é a sílaba, formada por pares de letras justapostas; em seguida vem a palavra, que é a terceira unidade de leitura. Uma unidade mais abrangente é a linha de texto, seguida pelo parágrafo e pelo bloco de texto. Após, temos a coluna de texto e por fim, a própria estrutura da página ou peça gráfica. Para os propósitos deste artigo, foram analisados os aspectos da unidade primordial, as sílabas, as palavras, as linhas de texto e o bloco de texto.

3. A semiótica peirciana

A tipografia proporciona uma gama de interpretações, pois, além de ser um sistema de decodificação da linguagem, fazendo-nos associar a forma ao conteúdo semântico dos textos (seu aspecto convencional), também possui seus aspectos pictóricos (sua própria forma, desenho) e, quando materializada (à medida que é uma marca de tinta, sobre um suporte, como o papel, por exemplo), aspectos físicos; seus significados, portanto, não estão condicionados unicamente pelo conteúdo.

Sobre a durabilidade da tipografia, Bringhurst (2011, p.23) destaca dois princípios:

Um dos princípios da tipografia durável é, sempre, a legibilidade. Mas há um outro. Trata-se de um interesse, merecido ou não, que doa sua energia vital à página. Ele assume várias formas e recebe diversos nomes, incluindo serenidade, vitalidade, riso, graça e alegria.

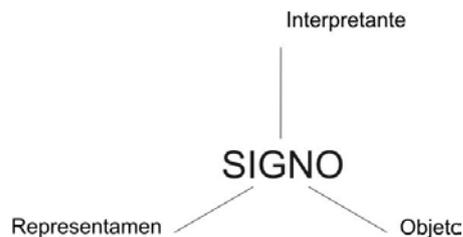
Para analisar esses diferentes aspectos ora ligados à objetividade da comunicação, ora à emoções, é pertinente uma abordagem semiótica da tipografia, uma vez que esta proporciona, conforme registrado acima, as ferramentas para a análise de todos os tipos de linguagens.

Por definição, a semiótica peirciana “é uma teoria lógica e social do signo” (SANTAELLA, 1995, p. 19). Signo (ou *representamen*), para Peirce,

[...] é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. [...] isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente [...]. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia [...] (PEIRCE, 2010, p.46).

A concepção peirciana de signo é, em sua essência, uma relação triádica entre o *representamen*, seu objeto e o interpretante (Figura 5). O primeiro correlato do signo, que é o *representamen*, é o que é percebido pelo receptor, tal como ele é em si mesmo. Seu segundo correlato é o objeto do signo, que é aquilo a que o signo se refere, que pode ser real ou imaginário. O terceiro correlato é o interpretante, que abrange o modo como o signo gera significado em uma mente (NÖTH, 1995). Esses três correlatos estão na origem das três teorias citadas acima, da significação, objetivação e interpretação.

Figura 5 – Os três componentes do signo



Fonte: Brisolara, 2008, p.89.

O estudo dos signos tipográficos possibilita ao *designer* compreender problemas comunicativos, por meio da pesquisa sobre o modo como os significados da tipografia são construídos. Como “articulador de signos” (GRUSZYNSKI, 2004 apud BRISOLARA, 2008, p.110), o *designer* precisa considerar quem lê e a provável situação em que a informação será recebida. A diagramação da página, a escolha dos tipos e as relações imagem-texto devem sugerir os significados a serem construídos pelo leitor.

4. Características do livro Projeto Buriti Português 1

O livro Projeto Buriti Português 1 é parte de uma coleção de livros que engloba várias disciplinas e é destinado para crianças do 1º o 5º ano Ensino Fundamental. Os livros para a disciplina de Letramento e Alfabetização, bem como os outros da coleção,

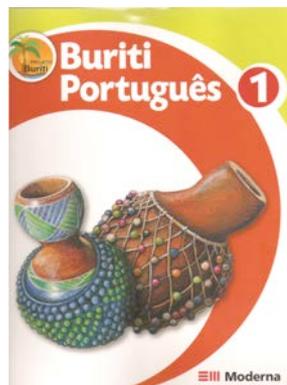
vêm com cadernos extras, chamados Caderno do Aprendiz e Caderno do Leitor, onde as atividades e textos para leitura estão localizados, respectivamente.

Indicado para o primeiro ano do ensino fundamental, foi concebido e produzido pela Editora Moderna com o objetivo de auxiliar na alfabetização de crianças entre 6 e 7 anos de idade.

Ele é dividido em 9 unidades, divididas ainda em 7 partes didáticas: (1) para começar, (2) texto que rima, (3) ouvir e escrever, (4) texto que encanta, (5) brincar e aprender, (6) texto que informa e (7) fazer arte.

O livro é todo colorido, possuindo tanto ilustrações como imagens fotográficas; as cores são fortes e chamativas. A capa (figura 6) é de papel semelhante ao tríplice, grosso, brilhante de um lado e fosco no outro, contando ainda com uma capa plástica, o que nos leva a supor que o livro é bastante resistente. No miolo é utilizado um papel semelhante ao sulfite 75g, e sua encadernação é grampeada e colada, com formação de lombada.

Figura 6 - Capa do livro Projeto Buriti Português 1



Fonte: Editora Moderna, 2010 (org.).

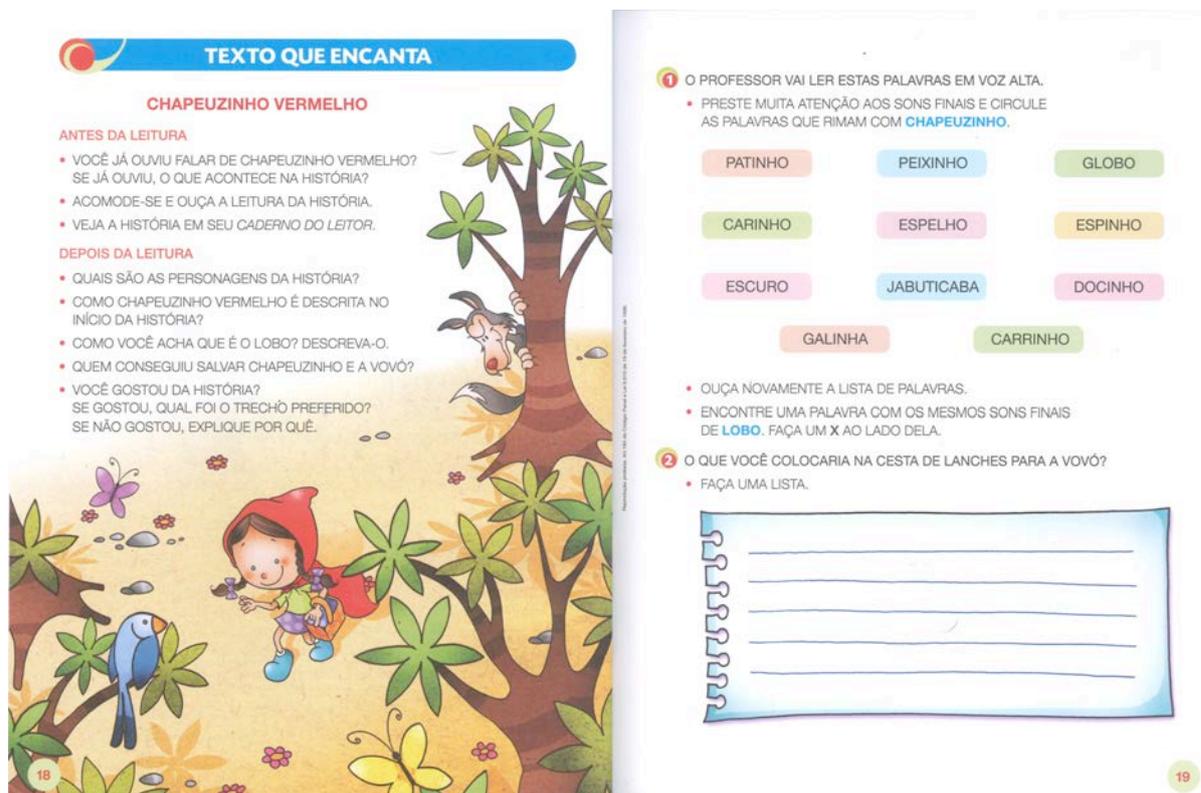
Os textos são na grande maioria impressos na cor preta, contudo, em títulos e em parte das atividades eles são coloridos, sempre com cores fortes e chamativas. As letras são grandes e em sua maioria em caixa alta.

As aberturas de unidade geralmente possuem uma imagem fotográfica ou ilustração que recobre uma página dupla, sendo as outras partes da unidade ricamente ilustradas, mas dividindo espaço com texto e atividades.

Neste artigo, foi analisada uma página dupla que contém textos para leitura e direcionamento de atividades; essa seleção teve a intenção de privilegiar a análise do elemento textual, que é farto na página e que é o objetivo principal do trabalho. Os

aspectos analisados foram a letra, a sílaba, a palavra, a linha de texto e o bloco de texto, juntamente com seu contexto (os elementos não textuais e materiais da página), em seu aspecto de significação (o signo em si mesmo). As páginas escolhidas foram a 18 e a 19 (figura 7), pertencentes à unidade 1 do livro, na parte “(4) texto que encanta”.

Figura 7 - Páginas 18 e 19 do livro Projeto Buriti Português 1



Fonte: Editora Moderna, 2010 (org.), p.18-19.

5. Análise Semiótica: o signo em si mesmo e seu contexto

Um qualissigno é um signo considerado no que diz respeito às suas qualidades intrínsecas, sua aparência, sua propriedade primeira. (RANSELL apud SANTAELLA, 1995, p. 129).

Nas páginas analisadas, o que primeiro nos impacta são os qualissignos das páginas referidas, tais como o formato retangular do livro (aproximadamente 23 x 29cm - fechado), a textura do papel branco, que é bastante agradável ao toque, as cores fortes e chamativas da impressão, sendo as principais o vermelho, o azul e o verde. Também

podemos encontrar as formas geométricas, predominantemente utilizadas na diagramação, em contraste com formas orgânicas mais utilizadas nas ilustrações.

Em um primeiro olhar, o que mais chama atenção nas páginas é a ilustração da menina com capuz vermelho. Após, o olhar é direcionado para o topo da página esquerda, onde se encontra uma barra azul com o título da parte didática do livro. O olhar, então, é direcionado para o título “chapeuzinho vermelho”, em vermelho, e para o texto, que começa logo abaixo desse título e segue até o fim da página esquerda (isso ocupa aproximadamente 2/3 da página), quando o olhar salta para a página direita.

Figura 8 – Elemento de maior atenção nas páginas



Fonte: Editora Moderna, 2010 (org.), p.18.

Na página direita, o olhar se dirige de cima até o rodapé da página, onde um retângulo de cor azul clara, com aparência de ser um desenho manual de uma folha de caderno atrai a atenção.

As margens brancas ao redor do livro proporcionam um bom encaixe das mãos das crianças sem obstruir o texto.

Em relação à tipografia, pode-se constatar que foram utilizados dois tipos de fonte: uma para o título principal da página da esquerda e para a numeração dos exercícios, e outra para os textos de leitura e atividades.

A maioria dos textos está impressa na cor preta, com uma textura lisa. O título principal e a numeração dos exercícios encontram-se impressos em negativo, sob fundo azul (título) e vermelho (numeração).

A fonte utilizada na maior parte do texto (aqui denominada de massa de texto principal) é caracterizada por hastes uniformes, com o corpo dos caracteres visualmente leve, com miolos bastante abertos, eixo racionalista, barras retas, sem serifa, composta em caixa alta.

Figura 9 – Massa de texto principal

ANTES DA LEITURA

- VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DE CHAPEUZINHO VERMELHO?
SE JÁ OUVIU, O QUE ACONTECE NA HISTÓRIA?
- ACOMODE-SE E OUÇA A LEITURA DA HISTÓRIA.
- VEJA A HISTÓRIA EM SEU *CADERNO DO LEITOR*.

DEPOIS DA LEITURA

- QUAIS SÃO AS PERSONAGENS DA HISTÓRIA?
- COMO CHAPEUZINHO VERMELHO É DESCRITA NO
INÍCIO DA HISTÓRIA?
- COMO VOCÊ ACHA QUE É O LOBO? DESCREVA-O.
- QUEM CONSEGUIU SALVAR CHAPEUZINHO E A VOVÓ?
- VOCÊ GOSTOU DA HISTÓRIA?
SE GOSTOU, QUAL FOI O TRECHÔ PREFERIDO?
SE NÃO GOSTOU, EXPLIQUE POR QUÊ.

Fonte: Editora Moderna, 2010 (org.), p.18.

A fonte do título principal e da numeração de atividades é caracterizada por hastes uniformes, com o corpo dos caracteres visualmente pesado, com miolos com pouca abertura, eixo racionalista, barras retas, sem serifa, composta em caixa alta.

As linhas da massa de texto principal possuem uma média de 44 caracteres, aproximadamente 12,5 cm, podendo ser consideradas curtas, pois, segundo Bringhurst (2011, p. 34) “a linha de 66 caracteres – contando letras e espaços – é geralmente considerada ideal”.

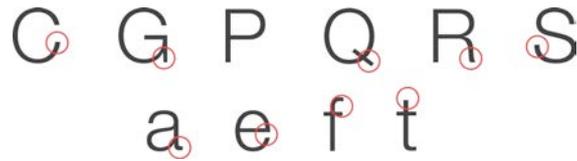
As linhas se encontram alinhadas à esquerda, com espaçamento fixo entre as palavras. Já as entrelinhas possuem um espaço variável, pois onde começam os parágrafos, há uma entrelinha maior do que entre uma linha e outra do texto corrido. Não há recuo de início de parágrafo à esquerda.

O outro aspecto observado é o dos sin-signos. Peirce se refere ao sinssignos como objetos da experiência direta. Diz ainda que é essencial ao sinssigno a insistência, a ocorrência (SANTAELLA, 1995).

No nível dos sinssignos, pôde-se constatar os indícios que caracterizam uma impressão offset, em policromia, impressos em papel semelhante ao sulfite 75g, a partir de uma matriz digital. A impressão da fonte preta em papel branco proporciona uma boa visibilidade dos caracteres.

Por meio dos indícios particulares da forma da fonte da massa principal de texto, pode-se aferir, que ela pertence à família da Helvética, mais precisamente a HelveticaNeueLT Std Lt, utilizada em tamanho próximo do 14.

Figura 10 – Detalhes que possibilitam a identificação da fonte



Fonte: própria

Com a identificação da fonte, adentramos o nível dos legissignos.

Um legissigno é um signo que tem a propriedade de lei, contudo, para existirem, precisam se manifestar por meio de sinssignos especiais, chamados réplicas. São sinssignos porque ocorrem aqui e agora, mas são réplicas porque atualizam e corporificam um legissigno (SANTAELLA, 1995).

Em relação às páginas, sua forma recorre à convencionalidade do livro didático de apresentar textos e, logo após, atividades sobre o texto. As divisões entre texto e atividade são bem demarcadas, tanto por diferenças na própria fonte, quanto nos grafismos utilizados, ambos habituais desse tipo de livro.

A barra que destaca o título indica por onde começar a leitura, logo após descobrindo-se a ilustração da menina Chapeuzinho Vermelho, sorrindo e feliz, remetendo à fábula de mesmo nome. Ainda na barra, encontramos um grafismo que remete às formas circulares, podendo-se fazer a associação entre o grafismo e o elemento gráfico utilizado na capa, como forma de manter a unidade visual do livro.

O título do texto em vermelho contribui para a associação do nome da fábula Chapeuzinho Vermelho com a cor vermelha propriamente dita. O mesmo recurso é utilizado para indicar ações que devem ser tomadas antes de ler o texto e após ler o texto. As atividades são marcadas por uma circunferência vermelha que é envolvida por uma maior, em verde, também associadas à unidade visual do livro.

Os enunciados das atividades estão em uma fonte levemente mais espessa que as demais, no intuito de destaque, porém, esse elemento de diferenciação é tão sutil que pode passar despercebido.

Como citado acima, a fonte utilizada parece ser a HelveticaNeueLT Std Lt. A Helvetica foi lançada com o nome de Haas Grotesk, sendo redesenhada em 1961 e licenciada pela Linotipo com o nome de Helvetica, contudo, ela possuía apenas a versão bold e regular. Passou por outros redesenhos que acrescentaram outros pesos à família, sendo rebatizada de Neue Helvetica. Desde sua criação, ela vem sendo utilizada amplamente com os mais variados propósitos, e segundo Lupton (2006, p.42), “é uma



das fontes mais usadas do mundo”, o que confere a ela um caráter altamente convencional.

Em relação ao tamanho, conforme já citado, a fonte aparentemente foi utilizada com 14 pontos, o que, segundo Casarini e Farias (2008), seria pequeno para a idade em questão, onde o indicado seria uma fonte entre 24 e 18 pontos.

A massa de texto principal está alinhada à esquerda, com espaçamento fixo entre as palavras, o que produz um conforto à leitura, uma vez que o alinhamento justificado pode modificar o espaçamento entre os caracteres, podendo causar desconforto.

A composição de linhas curtas, conforme Spiekermann (2011), possibilita uma rápida leitura.

O espaçamento entre as linhas do texto corrido é de aproximadamente 0,5 cm, o que, segundo Casarini e Farias (2008) é bem próximo do indicado para crianças com menos de 7 anos, que é de 0,66cm. Lourenço (2011), ainda destaca que crianças em idade de alfabetização tendem a acompanhar a leitura com os dedos, de onde se conclui que no espaço entre as linhas deveria caber um dedo de criança.

O texto composto em caixa alta prejudica um pouco o reconhecimento dos caracteres, pois, conforme Spiekermann (2011), quando estamos procurando algo novo (no caso da criança em processo de alfabetização), necessitamos olhar cada letra cuidadosamente, e o uso de maiúsculas e minúsculas ajuda nessa distinção, por apresentar ascendentes e descendentes, criando um desenho particular de cada palavra, ao contrário da caixa alta, que cria um retângulo em todas as palavras.

Pelo exposto, pode-se dizer que a fonte possui uma legibilidade razoável, pois poderiam ser utilizados recursos que a melhorariam, contudo, os aspectos mencionados não tornam os caracteres ilegíveis.

6. Considerações

Nessa breve análise, foi abordado somente o aspecto de significação do signo. Algumas outras considerações podem ser feitas neste momento da pesquisa, ainda que superficialmente, sobre as páginas referidas.

A utilização de cores fortes no livro pode atualizar sensações de alegria e agitação, contudo, no que diz respeito ao texto, essas sensações podem se tornar ambíguas, uma vez que o texto é todo em caixa alta, com as fontes predominantemente em preto, na fonte da família helvética, que pretende ser neutra. Esse tipo de fonte



transmite uma ideia de seriedade, conflitando com as sensações despertadas pelo colorido.

Apesar dos signos que remetem a uma ludicidade, como as cores e ilustrações, na fonte isso não acontece, pois, como já mencionado, a fonte transmite a ideia de seriedade e neutralidade.

Sendo o livro didático um material escolar adotado na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, um estudo mais aprofundado de seus aspectos tipográficos contribuiria na elaboração de projetos tipográficos que se adequem melhor ao objetivo do aprendizado da leitura infantil.

Com base nessa análise inicial, pode-se perceber que o uso da tipografia encontra-se em conflito com a mensagem do restante da página e, apesar de a mesma ser de legibilidade razoável, esta poderia ser melhorada.

Por meio da abordagem da semiótica peirciana pode-se compreender problemas comunicativos que, muitas vezes, passariam despercebidos. Ainda por meio dos estudos semióticos, o *designer* pode compreender o modo como são construídos os significados da tipografia, possibilitando assim, a sugestão dos significados a serem construídos pelo leitor.

Considerando as limitações do presente estudo, tal pesquisa serviu como um estudo exploratório para o teste e desenvolvimento do método a ser utilizado em uma pesquisa maior de mestrado.

7. Referências

BORGES, Priscila. Fontes tipográficas digitais: entre a lógica verbal e a gráfico-visual. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 22, p. 262-273, dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. **Guia de livros didáticos: PNLD 2013: letramento e alfabetização e língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

BRISOLARA, Daniela Velleda. **Design (tipo)gráfico e semiótica**: proposição de um modelo analítico e semiótico da tipografia produzida por não-experts. Curitiba: UFPR, 2008.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico (versão 3.2)**. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.



CASARINI, P. C.; FARIAS, P. L. Didactica – tipografia para livros didáticos infantis. **InfoDesign**, v. 2, n. 5, p. 63-71, São Paulo: SBDI, 2008. ISSN 1808-5377.

EDITORA MODERNA. **Projeto Buriti**: português. 2 ed. vl. 1. São Paulo: Moderna, 2010.

FARIAS, Priscila L. **Tipografia digital**: o impacto das novas tecnologias. 1. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

LAJOLO, M. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**. Brasília, ano 16, n.69, p. 03-09, jan./mar, 1996. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>>. Acesso 7 nov, 2012.

LOURENÇO, Daniel Alvares. **Tipografia para livro de literatura infantil**: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers. Curitiba: UFPR, 2011.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**: guia para designers, escritores, editores e estudantes. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. 4. ed., 1 reimpressão. Rio de Janeiro: 2AB, 2010.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva 2010.

REME (Rede Municipal de Ensino de Campo Grande). **Escolha dos Livros Didáticos para o triênio 2013-2015**. Campo Grande: REME, 2012 (documento de uso interno, fotocopiado).

ROCHA, Claudio. **Novo projeto tipográfico**: análise e produção de fontes digitais. São Paulo: Rosari, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____, Lucia. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Ática, 1995.